

A "relação ao saber" na psicanálise

Ana Lydia Santiago¹

Resumo

O presente artigo consiste na demonstração da relação existente entre o saber relativo a aprendizagem escolar e o saber concernente ao sujeito do inconsciente sob a ótica da psicanálise, por meio da construção do tratamento analítico de um menino de 10 anos de idade em situação de fracasso escolar. Trata-se de situar, em um caso de inibição intelectual, a abertura do acesso ao trabalho sublimado e a submissão deste a uma investigação do sujeito sobre o que funda o desejo. Assinala-se, ainda, a elaboração freudiana acerca da pulsão de saber e do processo de dessexualização do pensamento.

Palavras-chave: saber escolar, saber inconsciente, fracasso escolar, educação e psicanálise

Résumé

Ce travail met en œuvre une démonstration du rapport existant entre le savoir sublime concernant l'apprendissage scolaire et le savoir concernant le sujet de l'inconscient dans l'optique de la psychanalyse, à travers de la construction de la cure d'un garçon de 10 ans, marqué para l'échec scolaire. Il s'agit d'un cas d'inhibition intellectuelle, à partir du quel on situe l'ouverture de la voie au travail sublimé et leur soumission à la recherche du sujet sur ce qui fonde le désir. On souligne en plus les thèses freudiennes sur la pulsion de savoir et le processus de déssexualisation de la pensée.

Mots-clés: savoir de l'école, savoir inconscient, échec à l'école, éducation et psychanalyse

Abstract

The present article consists in a demonstration of the existing relation between educational learning knowledge and unconscious subject knowledge under the psychoanalytic view talking, as an example, 10 years old boy in analytic treatment for a school failure situation. It is about placing the introduction to the access on a sublimated work and its submission to a subject's investigation on what the desire is about. It is still analysed a Sigmund Freud's elaboration on the investigation pulsion and on the thought dessexualizing process.

Keywords: educational learning knowledge, unconscious subject knowledge, school failure, education and psychoanalise.

¹ Professora da Faculdade de Educação da UFMG.



Como se sabe, a psicanálise é uma prática clínica cujo campo de experiência é a situação analítica. O que condiciona essa prática é uma das formações do inconsciente – o sintoma –, na medida em que este é capaz de gerar um grande mal-estar na vida de uma pessoa. Esse mal-estar pode expressar-se no corpo, nas relações com os outros – incluindo a relação amorosa – ou no trabalho. Freud chega a considerar que o amor e o trabalho deveriam servir de referência para o psicanalista saber se o paciente se curou, ou não, de sua neurose.

No espaço da sala de aula, as dificuldades dos alunos com a aprendizagem, muitas vezes, são tomadas como sintomas. Em uma pesquisa de extensão desenvolvida conjuntamente com a Professora Maria Lúcia Castanheira, como eu da Faculdade de Educação, da UFMG, em uma escola de Ensino Especial, os educadores nos indicam para estudo os alunos que representam o sintoma da escola. Geralmente, são aqueles que se mostram refratários às mais variadas propostas de intervenção pedagógica, visando-se ao aprendizado, ou que apresentam um comportamento inadequado à sua adaptação. A contribuição da psicanálise, para esses casos, consiste em investigar cada caso, tendo-se em vista extrair algum elemento da subjetividade do aluno, no que concerne sua relação com o saber. Em seguida, busca-se introduzir, na relação pedagógica, a modalidade particularizada da relação do sujeito com o saber, por meio de propostas de intervenção na interação com os conteúdos escolares ou com o professor.

Falar de “relação ao saber” do ponto de vista psicanalítico, não equivale a falar de relação com o conhecimento. Diante disso, caberia a questão: De que saber se trata? Para abordar esse tema, escolhi apresentar o tratamento analítico de um menino que, como aluno, era considerado criança-problema, ou seja, um sintoma da escola, já que não ia bem nos estudos. Ele foi encaminhado pela escola, devido ao fracasso escolar e seu tratamento foi conduzido por Inês Seabra, que, recentemente, me convidou para fazer um comentário teórico-clínico do caso, no âmbito de uma atividade desenvolvida no Núcleo de Pesquisa em Psicanálise com crianças do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais-IPSMMG. O caso pareceu-me exemplar da inibição intelectual e oferece elementos para explicitar, por um lado, a relação do sujeito ao saber do inconsciente e, por outro, a abertura da via da sublimação, que condiciona a relação com o conhecimento.

O caso Vicente

Vicente está com 10 anos de idade. Seu histórico escolar revela um aluno de baixo rendimento permanente. Não é difícil imaginar, a partir dessa consideração inicial, o aluno que ainda não experimentou outra maneira de ser aprovado diferente daquela conhecida como “passar raspando”, com um bom empurrão dos professores. Estes últimos não duvidam de que o menino seja dotado de capacidade para aprender. Ele aprende, sim, porém esquece tudo,



não se apropria dos conhecimentos e não os aplica, como se cada conteúdo fosse um bloco assimilado inútilmente e, por isso, descartado a seguir. Enfim, ele não se interessa por nada que lhe é apresentado na sala de aula, mostrando-se inibido e totalmente fechado à aprendizagem escolar.

Os educadores informam os pais de Vicente sobre as dificuldades escolares do menino, advertindo-os da possibilidade de ele não chegar a concluir a 8ª série, caso continue, daquele jeito, totalmente alheio aos estudos. Investigam se a causa do desinteresse que demonstra não estaria relacionada a problemas de ordem familiar. A mãe de Vicente, por sua vez, limita-se a reconhecer que esse comportamento do filho na escola é o que também o caracteriza em casa. Como os professores, ela queixa-se da dificuldade em fazer com que ele se envolva nos trabalhos domésticos.

Sentindo-se profundamente incomodada com o estado de inércia do filho em relação às tarefas domésticas e, agora, também, às obrigações escolares, a mãe de Vicente procura um tratamento analítico para ele. O menino, que não demonstrava nenhuma inquietude com sua situação de fracasso e com suas inibições, aceita a oferta de um tratamento, o que se comprova por sua disposição a comparecer regularmente às sessões. Essa aceitação merece ser destacada como um primeiro movimento da criança contrário à sua inércia habitual.

Como dirá ao analista, Vicente percebia sua falta de interesse geral: pela escola, pela aprendizagem e, também, pelo convívio social com os colegas. Porém, se havia algo que o atormentava, naquele momento, não eram suas inibições e, sim, o que descreve como "medo do escuro". No início do tratamento, as sessões do menino transcorrem marcadas por seu silêncio, ou seja, pela própria inércia, atitude de que tantos se queixavam. Esse silêncio, entretanto, é o que lhe dá oportunidade, um dia, de comentar sobre a noite escura, que também é silenciosa. O silêncio da noite provocava-lhe medo e ele não sabia o porquê. Era um medo imenso da noite silenciosa, diz ele, que paralisava seu corpo e o deixava estático a ponto de não conseguir levantar-se da cama. Chamava, então, por sua mãe, que vinha até o quarto e acendia a luz. Apenas esse ato da mãe – de acender a luz – era capaz de acalmá-lo. Essa situação repetia-se freqüentemente em sua vida.

A introdução, no tratamento, de algo que Vicente não sabe é decisivo e constitui o início propriamente dito de sua análise. É um "não-saber" que inaugura a experiência do inconsciente. A partir desse não-saber sobre o sintoma, abre-se toda uma investigação que, contornando a questão do medo, conduz a criança a várias associações. As escanções do analista sobre esse material discursivo do paciente revelam, pouco a pouco, o ponto do impasse subjetivo e isso tem como efeito a desobstrução da via de acesso ao saber relativo à aprendizagem escolar.

As associações de Vicente em torno do medo evidenciam sua coragem:

1. Não sente nenhum medo ao assistir ao abate de animais. Seu pai é



açougueiro e, por acompanhá-lo várias vezes ao local de trabalho, Vicente conhecia e relatava com detalhes os métodos empregados para matar um animal, os instrumentos utilizados e a cena pungente do sangue escorrendo, as tripas saltando do interior do corpo bestial.

2. Também não sente medo de perder-se na mata situada nos arredores de sua casa, onde gostava de passar a maior parte de sua jornada, na companhia de amigos. Em relação a esse passatempo – que era o seu favorito –, era sua mãe é quem tinha medo de ele se perder na mata. Vicente achava essa preocupação infundada, dizia conhecer toda a área como se fosse a própria casa e, ainda, pensava que sua mãe queria perturbá-lo com as tarefas domésticas e a escola, furtar-lhe parte desse tempo precioso.

Esta segunda associação forneceu a oportunidade para se questionar sua recusa em renunciar ao prazer dos passeios na mata e o não-cumprimento das tarefas escolares e domésticas. Interpelado a esse respeito, Vicente confessa ao analista a real razão de suas escapadas: embora fosse proibido, ele e os companheiros faziam campeonatos de caça aos passarinhos, vencendo aquele que matasse o maior número durante um dia. Por isso não podia perder tempo na escola e com outras coisas. Ao final do dia, eles se reuniam, assavam e comiam os animais caçados.

Toda essa atividade contrasta com o comportamento inibido e inerte de Vicente na sala de aula. O jogo de caça com os amigos implicava o estabelecimento de uma estratégia, a perseverança, o uso de certas habilidades, além de tratar-se de uma disputa, estabelecida com regras precisas, que pode ser identificada a uma atividade simbólica, ainda que inscrita fora da lei – as crianças tinham conhecimento da proibição e escondiam a aventura do guarda florestal. Diante disso, caberia a seguinte questão: Como um menino que demonstra, por meio desse jogo, ter boa orientação espacial, habilidade motora, raciocínio e astúcia, não faz uso de nenhuma dessas capacidades no domínio da aprendizagem na sala de aula? Os educadores se perguntam: Como transferir essas capacidades para a atividade intelectual? O que significa perguntar-se: Como promover a sublimação?

Para a psicanálise, a atividade sublimada supõe o processo de dessexualização do pensamento. Esse processo é operado pela sublimação da pulsão sexual e desenvolve-se sob a influência dos resultados alcançados pela criança em suas pesquisas sobre a vida sexual. Freud chega, mesmo, a considerar que o próprio desenvolvimento das faculdades intelectuais se encontra sujeito à vida sexual infantil, sobretudo às pesquisas sexuais das crianças e às teorias que elas constroem a respeito². Nessa perspectiva, o que caracteriza a relação do sujeito com qualquer forma de conhecimento ou saber intelectual parece definir-se na investigação sexual efetuada na infância e no

² FREUD, Sigmund. Três ensaios... (1905). *Obras completas*. v. VII, p. 199.



resultado a que se chega sobre o saber que estrutura o inconsciente.

Assim, se, em Vicente, não há sublimação, isso ocorre porque sua investigação sexual, que é motivada por uma moção que Freud designa *Wissentrieb* — pulsão de saber — ou *Wiss-oder Forschertrieb* — pulsão do pesquisador³, se encontra inibida. É importante assinalar, antes de mais nada, que não existe pulsão de saber no âmbito da teoria freudiana das pulsões⁴. A afirmação de Freud, a esse respeito, é contundente: a *Wissentrieb* "não pode ser contabilizada no número das componentes pulsionais elementares nem subordinada exclusivamente à sexualidade". Na verdade, o termo *Wissentrieb* é introduzido, nos escritos freudianos, para questionar o tipo de satisfação que acompanha o exercício da curiosidade intelectual. Essa questão é formulada no momento em que Freud identifica a sexualidade infantil como a fonte pulsional de toda a curiosidade sobre os assuntos da vida sexual.

As observações de crianças permitiram localizar o despertar da curiosidade sexual no início do terceiro ano de vida. A primeira questão formulada por elas, sob o ímpeto do desejo de conhecimento, refere-se à origem da vida. O enigma da origem, do sexo e da morte concerne a cada sujeito, a cada pequeno pesquisador, pois se trata de saber da história que permitiu sua transformação de um simples ser vivo, em um ser falante, ser de desejo. Não há informação nem pedagogia que possam resolver essa questão. Considerando que a resposta ao enigma da esfinge de Tebas dá sentido apenas à vida do miserável Édipo, Freud ensina que cada criança é levada a inventar uma ficção para resolver o enigma de sua própria existência. Isso ocorre em função da forma como o inconsciente se estrutura a partir da ausência de escritura, da ausência de um traço que define o que cada um é, a posição sexuada de cada ser falante.

"A anatomia não define o sexo" — essa afirmação acachapante de Freud sobre a condição sexual dos seres falantes é uma outra maneira de dizer que não existe, no inconsciente, uma representação que define, *a priori*, ser homem ou ser mulher. Por isso, é necessário construir uma resposta, inventar uma ficção, que possa orientar a posição de cada um no mundo.

O despertar da pulsão de saber inaugura a construção dessa ficção. É assinalada pelo momento em que a criança deixa a via auto-erótica de satisfação e se interessa por tudo aquilo que acontece ao seu redor, no mundo. Ela, então, questiona os adultos, os fatos que observa. Organiza os dados colhidos em suas investigações, classificando-os. As pesquisas sexuais infantis são o

³ FREUD, Sigmund. La sexualité infantile. *Trois essais sur la théorie sexuelle* (1905). Paris: Gallimard, 1987. p. 122-123. Na versão brasileira: *Obras completas*. v. VII, p. 199

⁴ A pulsão é um "representante psíquico" e, como tal, é incapaz de ser apreendida diretamente: "Uma pulsão não pode jamais tornar-se objeto da consciência", diz Freud em 1915. "Se a pulsão não se encontra ligada a uma representação ou não aparece sob a forma de um afeto, não poderemos saber nada sobre ela." O que permite apreender a pulsão são seus pontos de fixação e seus efeitos: impulso, objetivo, objeto e fonte. E, graças à diversidade de suas fontes, as pulsões poderão ser consideradas distintas. Contudo essa distinção é sempre colocada sobre o signo de um dualismo pulsional — conservação/sexualidade, Eros/Thanatos —, que não inclui, em nenhum momento, a questão do saber.

veículo dessa busca, que se desenvolve rumo a um símbolo que fixe as significações, rumo a um saber sobre o que, no plano do inconsciente, é capaz de sustentar o desejo.

Em resumo, o ponto de partida da reflexão intelectual da criança é esta questão: "De onde vêm os bebês?" E o ponto de chegada encontra-se condicionado ao saber sobre o que funda o desejo no inconsciente, saber sobre a falta, portanto, ou sobre a castração. A mãe deseja um filho porque lhe falta algo. E esse algo tem um sentido particular para cada um. A criança investiga e elege, daquilo que apreende do discurso dos pais, algo que signifique sua existência. O período de investigação sexual infantil termina, por volta do sexto ano de vida, com a incidência do recalque sobre a pulsão sexual⁵. Com o acontecimento do recalque, a atividade intelectual – ou a *Wissentrieb* – em função de sua conexão precoce com a pulsão sexual, pode encontrar três destinos distintos:

1. a inibição do pensamento;
2. a compulsão neurótica a pensar; e
3. a sublimação.

A terceira possibilidade, na visão de Freud, constitui o destino mais favorável à atividade intelectual e o mais desejável pela cultura. Na sublimação, o recalque sexual intervém, sem reenviar o desejo ao inconsciente. Não é difícil imaginar o sexual e o intelectual caminhando sobrepostos, quando o recalque, por sua ação, subtrai apenas o sexual, deixando livre curso ao intelectual. Assim, o pensamento pode agir em um espaço praticamente dessexualizado, livre, pois, do domínio da investigação sexual infantil e a serviço dos interesses intelectuais⁶.

Vicente está com 10 anos e não dá sinal de sublimação. Será que ainda não iniciou sua trajetória de investigação que abre acesso ao saber sublime? O mais provável, seguindo o texto de Freud, é que ele tenha desistido de sua investigação devido a algum elemento encontrado no curso de sua pesquisa sobre a sexualidade – um sentido gerador de horror, um fato contingente ou algum tipo de intimidação externa –, configurando-se, assim, a inibição intelectual. No caso desse menino, o que constitui seu impasse encontra expressão em um acontecimento inesperado: um dia, após uma de suas aventuras na mata, quando regressava para casa, é surpreendido com a cena

⁵ Em *Metapsicologia*, Freud identifica quatro destinos possíveis para a pulsão, a saber, a reversão da pulsão em seu contrário, o retorno sobre a própria pessoa, o recalque e a sublimação. Os dois primeiros destinos constituem, também, formas de defesa do aparelho psíquico antes de consumada sua organização, que comporta a incidência do recalque em dois tempos: o recalque originário e o recalque propriamente dito. É este segundo recalque que incide sobre a pulsão sexual, afastando da consciência a significação sexual do inconsciente. A tendência do recalque secundário define-se a partir do primeiro recalque. É por isso que, nesse momento, a *Wissentrieb*, ou a atividade intelectual consciente do sujeito, fica caracterizada pelo modo de satisfação da pulsão, seja o sublimado, sejam suas outras formas, tal como a autopunição, por exemplo. A esse respeito, ver FREUD, Sigmund. Artigos sobre metapsicologia (1915), in: *Obras completas*. v. XIV, p. 137-190.

⁶ FREUD, Sigmund. *Un souvenir d'enfance de Léonard de Vinci* (1910). Paris: Gallimard, 1987. p. 84-85. Na versão brasileira: *Obras completas*. v. XI, p. 72-75.



de uma passarinho ferido, mas ainda com vida. Vicente pára e permanece estático durante o tempo em que dura sua vacilação: "Deixo-o morrer ou o levo para casa e cuido para que viva?"

Sem saber por que, Vicente leva o passarinho machucado para casa e salva-lhe a vida. Ao relatar isso, lembra-se de um incidente do qual foi vítima, quando tinha quatro anos de idade: comeu um pedaço de carne estragado, teve de ser hospitalizado e quase morreu. A carne viera do açougue de seu pai e fora preparada por sua mãe. *"Se não fosse meu tio – diz ele –, eu teria morrido com a carne trazida pelo meu pai."* Como um pai, especialista em carnes e todo cuidadoso com o processo que ia do corte à venda da mercadoria, envia uma carne estragada para o próprio filho? O profissão do pai – açougueiro, especialista em abate de animais – e esse incidente que põe o filho em perigo de morte produzem um recobrimento imaginário do pai como função. Assim, o pai da lei, agente da interdição do incesto, que garante a introdução do filho na dimensão simbólica, fica assimilado a um pai terrível, que visa a castração real do filho – sua morte. O temor que decorre dessa valorização imaginária do pai interditor leva o sujeito a buscar outros caminhos sintomáticos, para solucionar esse impasse. No caso de Vicente, o sujeito recorreu, como antes mencionado, a um ritual totêmico, para fazer valer a lei simbólica.

Salvar e cuidar do passarinho fez com que Vicente perdesse o vivo interesse pelas caçadas na mata e inaugura sua participação nas atividades em sala de aula, assim como a preocupação com seu rendimento escolar. Por outro lado, agravam-se os temores noturnos. Ele passa a se queixar, então, do pai, que, a seu ver, não faz nada para ajudá-lo a superar os medos.

Pouco depois, chega o momento de Vicente viajar com a mãe para pagar uma promessa que esta fizera por ele ter sobrevivido à morte. Era o oitavo ano consecutivo em que viajavam para esse fim e, pela primeira vez, o menino pede esclarecimentos sobre o incidente com a carne. Fica sabendo, então, que sua mãe tinha medo de perdê-lo. Ela já tinha perdido outros três filhos em abortos naturais, antes de seu nascimento. Durante toda a gestação de Vicente e dos dois outros filhos que teve em seguida, temeu a morte e teve medo de não poder mais dar à luz. Ao relatar essa conversa, ele declara: "Eu não quero ter medo, não quero ficar igual a uma mulherzinha cheio de medos".

Essa resposta do sujeito ao que lhe é revelado pela mãe, contrapõe-se à primeira posição assumida por ele, a saber, a de identificar-se ao bebê morto, inerte na cama, que aguarda a presença da mãe para assegurar-se de sua própria existência. É assim que se pode traduzir, a meu ver, a conjuntura do surgimento do medo: um medo imenso da noite escura e silenciosa, um medo que apenas se dissipa com a presença do Outro materno, acendendo a luz e, com esse ato, assegurando ao sujeito sua existência, como um objeto no campo visual.

A identificação ao bebê morto – a um objeto perdido da mãe – constitui, assim, um recurso do sujeito para furtar-se da demanda do Outro materno, que

quer fazer do filho um verdadeiro trabalhador. O sujeito evita essa demanda pela ameaça que ela representa – trabalhar o conduz ao encontro do pai, da truculência de sua profissão e da ameaça de morte que isso representa para esse filho.

Nas sessões que se seguiram a esse trabalho de reconstrução da ficção de sua origem – e que são as últimas, antes de se dar seu tratamento por terminado –, Vicente relata os trabalhos escolares em que tirou nota total. Primeiramente, uma redação em que conta a história do filho de um padeiro que não sabia onde estava seu pai e, por isso, não queria seguir a profissão dele nem cuidar da padaria; ao final ele encontra o pai, que lhe conta as razões de seu desaparecimento e, então, voltam a viver juntos. Essa história, pode-se dizer, sintetiza a trajetória de sua análise. A outra nota total de Vicente foi obtida numa prova de Ciências. Ele passou a se interessar muito por essa matéria e pode explicar, melhor que ninguém, o processo da fotossíntese ou, em suas palavras, o processo de transformação ocorrido para proporcionar o oxigênio da vida. Na sua última sessão, conclui o tratamento com um ato falho que destaca o interesse particularizado expresso no processo da fotossíntese: ele tinha retomado o trabalho no negócio do pai, mas, desta vez, não quis lidar diretamente com a carne, preferindo o serviço do escritório. Então diz: *“Agora eu me tornei o oxí-boy da empresa de meu pai”*.